



PRAÇA VELHA Nº 40

PRAÇA VELHA

Revista Cultural da Cidade da Guarda

Nº 40 | 2020



GUARDA
A GUARDA POR SI

Praça Velha – Revista Cultural da Cidade da Guarda
Ano XXI | n.º 40 | 1ª série | dezembro 2020
Publicação Anual

Edição: Câmara Municipal da Guarda

Direção: Vítor Manuel dos Santos Amaral, Vice-Presidente da Câmara Municipal da Guarda

Coordenação: Thierry Proença dos Santos

Conselho Editorial: António José Dias de Almeida, Fernando António de Oliveira Carvalho Rodrigues, Hélder Sequeira, Maria Antonieta Garcia, Manuel Luís Fernandes dos Santos, Mário Cameira Serra, Vítor Pereira

Produção Executiva: Divisão da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto | Gestão de Museus, Património Cultural e Arqueologia | Museu da Guarda

Depósito Legal:

I.S.S.N.: 0873-8343

Book design, composição: Tiago Rodrigues

Tiragem: 500 exemplares

Capa: Largo de S. João (Guarda), s/ data; coleção de Margarida Pires

Impressão: Marques e Pereira, Lda

Telefone: 271 220 220

E-mail: museu.guarda@mun-guarda.pt

A Câmara Municipal da Guarda respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas. A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores.

PRAÇA VELHA

Revista Cultural da Cidade da Guarda

Nº 40 | 2020

EDITORIAL

Aspetos da vida e obra de Augusto Gil (1870-1929). É este o tema central do 40.º número da revista *Praça Velha*, ao celebrar os 150 anos do nascimento do poeta que a Guarda adotou. O autor de *Versos*, *Luar de Janeiro* ou *O Craveiro da Janela* viveu num período histórico conturbado, marcado pela difícil situação externa e interna de Portugal, que vai desde o ultimato britânico de 1890 à queda da Primeira República, com o golpe de Estado de 1926, passando pela implantação da República (1910), as aparições de Fátima (1917) e as agruras decorrentes da Primeira Guerra Mundial. Não se sabe muito da sua história pessoal transcorrida na Guarda, mas da imprensa da época e dos testemunhos que familiares, designadamente o cunhado, Ladislau Patrício, e o sobrinho, João Patrício, transpuseram, respetivamente, para um volume, foi possível respigar-se os seguintes factos: passou pelos bancos do colégio jesuíta de S. Fiel, em Louriçal do Campo; tentou uma carreira militar que não lhe dizia nada (1887-1891); concluiu os estudos liceais na Guarda; frequentou a boémia coimbrã (1893-1898), da qual trouxe o germen do ideário republicano. Fundou na Guarda o semanário republicano *A Actualidade* (1910-1912). Em 1918 foi sidonista. Falava com sotaque beirão, tinha o vício do tabaco, gostava de jogar à bisca. Suportou desde os 26 anos uma doença da medula, que o obrigava a usar uma bengala, e morreu de pneumonia. Namorou cerca de 20 anos com Adelaide Sofia O. Patrício e com ela se casou no Natal de 1912, não deixando, por ironia do destino, descendência. Refere numa carta à sua noiva ter comido omeletes na estação da Guarda. Quando casou, já se tinha mudado para Lisboa, mas costumava passar férias na Guarda. Consta que parte da obra que lhe granjeou fama foi escrita nessa Cidade do interior e que tinha aí o hábito de cavaquear com amigos à porta da Farmácia Central. Desempenhou vários cargos públicos de nomeação a partir de 1911 até à morte, em 26 de fevereiro de 1929. Antes de iniciar a sua carreira na função pública, conheceu o desconforto financeiro, situando-se depois num nível de vida remediada. Fez algumas viagens, quase sempre em serviço, nomeadamente à Espanha, à Itália, aos Açores e ao Brasil. Em 1927 foi alvo de uma homenagem nacional, em Lisboa.

Tendo em conta o facto de a obra giliana não ter atraído, de há alguns anos a esta parte, a atenção de estudiosos (até porque vários volumes que produziu se encontram ausentes do

mercado livreiro há décadas), pretendeu-se, com este número, contrariar essa tendência, em benefício do autor e do conhecimento dos seus textos. É neste entendimento que o Município da Guarda, através do seu Museu, decidiu espraçar o nome de Augusto Gil em horizontes distintos, fomentando em 2020 uma mostra expositiva, leitura pública de poemas, palestras, um roteiro literário pela Guarda, limpeza e valorização do primeiro monumento em sua homenagem, e outros eventos passíveis de dignificar o nome de Gil na atualidade. O propósito do Município da Guarda é claro: se Augusto Gil se lançou da sua “sagrada Beira” para servir o país e para continuar a servir a causa da poesia, é agora o tempo de a Guarda, a sua cidade adotiva, divulgar a sua obra junto das novas gerações de leitores.

Para esse bloco temático, foi possível contar com os excelentes contributos de professores universitários e de investigadores. Hélder Sequeira traça o perfil de Augusto Gil enquanto ator no campo do jornalismo e da política; Anabela Matias ensaia retratar a personalidade literária, pública e privada desse beirão empedernido; Ana Margarida Fonseca faz uma análise genológica e temática das narrativas que compõem o livro *Gente de Palmo e Meio*; Luísa Paolinelli perspetiva o registo humorístico patente no volume *O Canto da Cigarra: sátira às Mulheres*; as ilustrações que acompanham três reedições de livros de poesia de Gil, promovidas pela Portugália Editora, são observadas por Martim Vasco; por sua vez, Helena Rebelo faz uma demonstração da análise frásica de cinco poemas extraídos de *Luar de Janeiro*; finalmente, Victor Afonso comenta a relação frutífera entre a poesia giliana e a música, iniciada desde os tempos que o Poeta passou em Coimbra e perpetuada por compositores e fadistas contemporâneos.

No presente número, houve ainda lugar para uma entrevista (escrita) ao professor, ensaísta e escritor Ernesto Rodrigues, a quem se deve reflexões seminais que oferecem não só uma contextualização da época em que viveu o autor de *Rosas desta Manhã* como também uma bibliografia crítica essencial sobre os estudos existentes de suas obras.

A memória iconográfica de Augusto Gil tem, nesta revista, espaço na secção “Portfólio”: foram selecionados retratos fotográficos do poeta e de familiares seus, assim como retratos caricaturados que ilustradores e amigos lhe dedicaram, a maior parte deles pertencentes ao acervo do Museu da Guarda.

Outros assuntos e temas referentes à região guardense se descobrem no índice: perfis de personalidades memoráveis, achados arqueológicos, património edificado, episódios da história da Saúde Pública, bens de natureza intangível e uma reflexão sobre a importância do associativismo cultural na dinamização política e social da Beira Interior.

Um conjunto de três textos compõem uma galeria de figuras históricas nascidas em lugares de fronteira e falecidas longe de sua terra natal. Cristina Trindade revisita o percurso de Frei Pedro da Guarda (1435-1505) e do seu legado espiritual nos primórdios da sociedade madeirense. Augusto Moutinho Borges evoca o Doutor José Clemente Pereira (1787-1854), uma das personalidades mais emblemáticas do Brasil imperial, e cujo berço é o concelho de Almeida. Por fim, José Eduardo Franco e José Maria Silva Rosa traçam o perfil, em preito de homenagem, do pensador e investigador Pinharanda Gomes (1939-2019), que nos deixou no ano passado.

No que toca ao património arqueológico, António Marques analisa a partir de uma prospeção por ele realizada na Bacia de Celorico da Beira – correspondente à região do interior norte da Lusitânia – o padrão de povoamento romano, com vista a desenhar propostas para a sua geografia política na Antiguidade.

Seguem-se dois meticulosos estudos sobre o património edificado na cidade mais alta de Portugal. O sistema defensivo da Guarda, associado ao centro histórico, é tratado por José António Q. Gaspar que realça a sua importância como valor de memória para a escrita da história da Guarda. Aspetos da vida do Convento de Santa Clara ao longo de séculos são revelados por Manuel Luís Fernandes dos Santos. A existência dessa instituição religiosa foi relevante na vida das gentes da Guarda e é, por isso mesmo, na atualidade, recordada em designações institucionais e na toponímia.

Dois textos versam sobre História da Saúde Pública no distrito da Guarda: o primeiro, de Francisco Manso, aborda a epidemia de 1853-56 e das práticas sanitárias constituídas para a conter. O assunto examinado pelo estudioso tem o mérito de perspetivar a atualidade, visto que permite traçar paralelos entre a epidemia observada e as etapas de combate da pandemia da Covid-19. O segundo, da autoria de Aires Diniz, colaborador da revista praticamente desde a primeira hora, trata da gestão dos Matadouros pelos municípios do país, centrando a atenção na história dos matadouros da Guarda iniciada a partir de inícios do séc. XX.

No âmbito da valorização do património imaterial e da importância das políticas culturais no desenvolvimento do território, destaca-se o comentário que José P. da Cruz faz a seis romances recolhidos, há muitos anos, em Castanheira do Jarmelo, sublinhando as funções que desempenhavam no dia a dia das comunidades, que os mantinham vivos e os partilhavam. A essa abordagem acrescenta-se um instrutivo artigo de Salete Pinto sobre o associativismo e as políticas culturais no concelho da Guarda, em que a autora põe em relevo o impacto que as referidas políticas têm tido nas respetivas freguesias em termos de vida cultural e de desenvolvimento local.

Na secção “Escrita Literária”, a revista propõe a leitura de duas narrativas breves – uma de Augusto Gil e outra de João Esteves Pinto –, assim como várias páginas de poesia: textos de Cristino Cortes e de Carlos d’Abreu, a que se juntam um poema de Daniel Rocha e outro de Carlos Adaixo. As três últimas composições desta série de discursos líricos lançam raízes na atualidade, visto refletirem os tempos que correm, marcados pela pandemia e pela experiência do confinamento.

Como é habitual, seguem-se as “recensões” de obras de interesse local e regional publicadas neste último ano: são aqui apreciados 16 títulos.

De resto, a “súmula” das atividades culturais que o Município da Guarda promoveu no período de agosto de 2019 a julho de 2020 poderá constituir-se como uma ferramenta útil, de consulta simples, sendo esta a última valência da presente edição da revista *Praça Velha*.

Vítor Manuel dos Santos Amaral

(Vereador da Cultura / Vice-Presidente da Câmara Municipal da Guarda)

SUMÁRIO

150 ANOS COM AUGUSTO GIL

(RE)ENCONTRO COM AUGUSTO GIL

HÉLDER SEQUEIRA15

AS MÁSCARAS DE AUGUSTO GIL, DO LIVRO *GENTE DE PALMO E MEIO* À EPISTOLOGRAFIA FAMILIAR

ANABELA MATIAS.....41

MAS AS CRIANÇAS SENHOR...

RETRATOS DA INFÂNCIA EM *GENTE DE PALMO E MEIO* DE AUGUSTO GIL

ANA MARGARIDA FONSECA59

“(EU NÃO A ODEIO SEQUER,/ TUDO ISTO É LITERATURA)”

- O CANTO DA CIGARRA DE AUGUSTO GIL

LUÍSA M. ANTUNES PAOLINELLI.....71

IMAGENS DE MULHER EM EDIÇÕES ILUSTRADAS DE OBRAS DE AUGUSTO GIL: *VERSOS, O CANTO DA CIGARRA E ALBA PLENA*

MARTIM RAMOS VASCO.....85

A SINTAXE DE AUGUSTO GIL EM *LUAR DE JANEIRO*

UM ESTUDO DA FRASE EM VERSO OU DA LITERATURA PARA A LINGUÍSTICA

HELENA REBELO.....109

A POESIA GILIANA E A MÚSICA

VICTOR AFONSO.....139

GRANDE ENTREVISTA

ENTREVISTA (ESCRITA) AO PROF. DOUTOR ERNESTO RODRIGUES, DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DA GERAÇÃO DE AUGUSTO GIL

THIERRY SANTOS149

PORTFÓLIO

MEMÓRIAS E EVOCAÇÕES ICONOGRÁFICAS DE AUGUSTO GIL.....165

PATRIMÓNIO E HISTÓRIA

FREI PEDRO DA GUARDA (1435-1505)

ANA CRISTINA TRINDADE.....187

O DOUTOR JOSÉ CLEMENTE PEREIRA UM PORTUGUÊS NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL IMPERIAL

AUGUSTO MOUTINHO BORGES201

PINHARANDA GOMES, UM INVESTIGADOR BEIRÃO, UM PENSADOR PORTUGUÊS

JOSÉ EDUARDO FRANCO
JOSÉ MARIA SILVA ROSA217

POVOAMENTO ROMANO NA VERTENTE NOROESTE DA SERRA DA ESTRELA

ANTÓNIO MARQUES227

A CIDADE HISTÓRICA - SISTEMAS DEFENSIVOS

JOSÉ ANTÓNIO QUELHAS GASPAR.....245

DA HISTÓRIA DA GUARDA SOBRE O CONVENTO DE SANTA CLARA

MANUEL LUIZ FERNANDES DOS SANTOS.....267

A EPIDEMIA DE 1853-56 NO DISTRITO DA GUARDA

FRANCISCO MANSO291

MATADOUROS: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA TAMBÉM NA GUARDA

AIRES DINIZ303

ASSOCIATIVISMO LOCAL NO CONCELHO DA GUARDA - POLÍTICAS CULTURAIS DE AÇÃO LOCAL

SALETE DOS SANTOS MARTINS PINTO.....323

ROMANCES DE CASTANHEIRA DO JARMELO: MAIS DE 600 ANOS DE HISTÓRIA TRADICIONAL

JOSÉ P. DA CRUZ.....339

ESCRITA LITERÁRIA

NARRATIVA BREVE

AUGUSTO GIL.....360

“ELEONORA SIENNA”

JOÃO ESTEVES PINTO.....366

“UMA DOR ARCAICA - UMA DOR ETERNA”

POESIA

CRISTINO CORTES	370
“CONSULTA DE ROTINA”	
“CREPÚSCULO”	
“A FLOR DO MAL I”	
“A FLOR DO MAL II”	
“NINGUÉM ESTÁ SOZINHO”	
“O PÉ DE PENÉLOPE”	
“TERNURA E OCASIÃO”	
“A VIDA E A MORTE”	
CARLOS DE ABREU	376
“IN-GUARDA”	
“A MONTANHA”	
“ASTROPOÉTICOFENÓMENO”	
“CRÓ DE MAIO”	
“CORO(N)AR O MEDO”	
DANIEL ROCHA	388
“UMA ALMOFADA”	
CARLOS ADAIXO	389
“[POR ESTES DIAS]”	
RECENSÕES	391
SÚMULA	417

A SINTAXE DE AUGUSTO GIL EM *LUAR DE JANEIRO* UM ESTUDO DA FRASE EM VERSO OU DA LITERATURA PARA A LINGUÍSTICA

HELENA REBELO¹

“Palavras são palavras... Nada dizem.
Teias d’aranha que jamais impedem
Que as ideias se escapem e deslizem...”
Augusto Gil, *Luar de Janeiro*

1. A Literatura para Modelo Linguístico: O Caso de Augusto Gil

A pandemia do século XXI alterou hábitos e mudou a vida de todos, mesmo no ensino. Além de um conjunto de vocábulos “novos” que se lhe vai associando, no mundo, incluindo o nome próprio “Coronavírus”, ouvem-se campanhas de prevenção e ambos deveriam suscitar reflexão linguística. Há quem diga “a Covid-19” por pensar ser o nome da pandemia, mas também há quem diga “a pandemia da Covid-19”, a comprovar que com a abreviatura não se trata da pandemia, mas do vírus. O inglês da Organização Mundial de Saúde não apresenta este problema gramatical porque não coloca a questão do género gramatical. Em França, a imprensa, e toda a comunicação social, veja-se, por exemplo, o jornal *Le Monde*, é consistente e mantém o masculino. Em Portugal, neste nome próprio, vacila-se entre o masculino (esperado: o Coronavírus -> o Covid-19) e um feminino (inesperado). Situações como esta comprovam o quanto falta reflexão linguística à população portuguesa. Por exemplo, está na rua uma campanha a indicar “USE MÁSCARA” e “PROTEJA-SE A SI E AOS OUTROS”, sem sinais de pontuação como, aliás, em frases escritas em género de aviso: CUIDADO COM O CÃO; PARE/ ESCUTE/ OLHE; PUXE/

1 FAH-DLLC-Universidade da Madeira/ CIERL-UMa/ CLLC-Universidade de Aveiro: helenreb@uma.pt

EMPURRE, entre muitas outras frases constituídas por uma ou pouquíssimas palavras. Para quem é sensível à língua, construções como as da campanha fazem pensar que é indispensável estudar Sintaxe. O uso do pronome reflexivo “se”, reforçado em “a si” (que deveria vir entre vírgulas) implica que esteja subentendido em “aos outros”, isto é, “*proteja-se aos outros”. Basta ter o mínimo de conhecimentos de Sintaxe para compreender que a sequência é, gramaticalmente, inviável, mas torna-se um uso pela repetição da campanha em painéis publicitários. Como pensar noções de “não frase” e de “agramaticalidade” atribuídas às teorias de Noam Chomsky? Quem a redigiu convenceu-se de que o que está lá é: “Proteja-se, a si, e proteja os outros” ou “Protegendo-se, a si, está a proteger os outros”. Ora, não é isso que está escrito, mas compreende-se o que querem dizer com aquilo que escreveram. Aceitando aquela segunda frase (a primeira é USE MÁSCARA e é de tipo imperativo), ela é desviante, para não dizer “errada”. Hoje, os usos linguísticos têm mais força do que a norma e, conseqüentemente, qualquer pessoa “fala” (e escreve) de modo “aceitável”. Alguns linguistas e literatos já se detiveram na importância do estudo da Língua Portuguesa (cf., por exemplo, Barbosa, 2009, e Mateus, 2010), mas muito há a fazer nesse campo, despertando aquilo que se convencionou chamar a “consciência linguística”. Portanto, poucos falantes questionam algo e o estudo da língua carece de uma real reflexão sobre ela. Para isso, seria indispensável saber matérias tidas como muito fáceis, mas que se tornam um autêntico quebra-cabeça quando se ensinam e se aprendem (aprendem) na sua real amplitude e não com frases pré-fabricadas do gênero de “O João comeu o bolo.” ou algo semelhante. Os tipos de frase e os sinais de pontuação, enquanto conteúdos da área da Sintaxe, são um exemplo claríssimo disso mesmo, como se pode comprovar no ponto 3, abaixo.

No seguimento da investigação que se tem realizado no domínio da Língua Portuguesa, incluindo a sua Sintaxe, como em “O Futuro do Ensino da Gramática Portuguesa: Um Percorso por Três Manuais Escolares” (Rebello, 2013), “Syntax and Biology. Teaching experience with the laboratory notebook” (Rebello e Aguin-Pombo, 2015) e, sobretudo, “A Sintaxe de António Aragão em *Um Buraco na Boca*: Análise de uma Amostra” (Rebello, 2015), pretende-se aqui abordar, por um lado, questões acerca da frase. Por outro, tendo em conta a problemática do “desvio linguístico”, deseja-se intensificar a reflexão em torno da relação entre a Literatura e a Linguística, como em “O Discurso Poético e o Discurso Religioso: Acerca de Alguns Poemas de Maria Aurora Carvalho Homem” (Rebello, 2010), “As Opções Linguísticas de António Aragão em *Um Buraco na Boca*” (Rebello, 2011) ou “L’Écriture du Parler de Madère: quelques Représentations littéraires” (Rebello, 2016). No presente estudo, a figura central a destacar é Augusto César Ferreira Gil, conhecido como Augusto Gil (Lordelo do Ouro, 30-07-1870 - Lisboa, 26-02-1929, falecido com cerca de 58 anos), pondo a tónica na sua frase, ou melhor, no valor desta nos seus versos, quando

se querem abordar temáticas como os tipos de frase, a sua estrutura e os sinais de pontuação, no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa, nos diversos níveis de escolaridade.

De grande vigor no século XIX português, mas hoje quase esquecida – anedoticamente, houve até quem a confundisse com a Filosofia, quando Frederico Lourenço, da Universidade de Coimbra, ganhou o Prémio Pessoa-2016, assumindo-se ele como “filólogo” (“filósofo” para jornalistas desatentos) –, a inesquecível Filologia mantém-se florescente, por exemplo, no ensino universitário alemão. Em Portugal, os Estudos Linguísticos vieram ocupar-lhe o lugar. No plano filológico, a língua é estudada a partir da Literatura e esta existe, exclusivamente, porque existe língua, por mais que, às vezes, se esqueça isso, já que é com ela que é tecido o texto. Torna-se evidente que, por seu lado, a Linguística pode sobreviver sem a Literatura, estudando a fala, na linguagem comum, na familiar, na popular ou noutra nível de língua, podendo trabalhar com a escrita de, como têm sido classificados, textos “não literários” porque utilitários (ficando a velha questão de saber se não são também eles “literatura”, considerando a existência de uma escala para a literariedade, maior ou menor, do texto). A Literatura, quanto a si, sobretudo no que se prende com o estilo do autor (o discurso do narrador ou as deixas das personagens) precisa vitalmente da Linguística. Aliás, a Estilística e as figuras de estilo partilham de ambas as áreas, inclinando-se, porém, cada vez mais, para a Literatura, como se tem comprovado nos manuais de Português/ Língua Portuguesa em uso nas escolas e que se têm consultado para compreender as abordagens dadas à Sintaxe. Contudo, por mais incompreensível que seja, a Linguística é sistematicamente desvalorizada para sobressair a Literatura. Isso verifica-se, por exemplo, quando se pergunta a jovens que transitam do Secundário para a Universidade, em cursos como Estudos de Cultura ou Educação Básica. Pelas apaixonantes conversas que se têm mantido com colegas docentes-investigadores de outras universidades nacionais e internacionais, vai sucedendo o mesmo um pouco por todas as instituições. Como definem estes jovens recém-universitários a Linguística? A maioria nunca ouviu falar da designação. A Literatura, o que é? No geral, identificam-na com o estudo dos textos literários dos autores que trabalharam no Ensino Secundário. Logo, ouviram falar de Literatura, mas desconhecem a Linguística. Tem sido interessante compreender até que ponto no braço de ferro entre estas duas áreas do saber, esta perde sistematicamente em detrimento daquela. Concorde-se que o texto literário pode ser um dos alvos primordiais do estudo linguístico, quando se abordam temáticas como a pontuação ou as construções frásicas, mas não pode ser o único. Aliás, no *Dicionário Terminológico* (DT), a ferramenta de referência linguística do momento, os exemplos que ilustram estes conteúdos gramaticais (cf. ponto 3, abaixo) não são literários e poderiam sê-lo como na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra. Aqui, poderia entrar o verso, ou seja, a frase em verso,

de Augusto Gil que, advogado de formação, conhece profundamente a língua materna modelando-a literariamente.

Assim, pergunta-se: Até que ponto a Literatura pode servir de modelo linguístico para os estudantes dos diversos ciclos de estudo, da Educação Básica (1.º, 2.º e 3.º Ciclos) ao Ensino Secundário, quanto à Sintaxe? Por mais que, no Ensino Superior, e cientificamente, se distinga a Literatura da Linguística, a fusão aglutinadora entre elas é quase sempre uma evidência no ensino pré-universitário. Vê-se isso nos programas de Português, dos vários anos de ensino. Embora a designação programática das disciplinas e das matérias se reporte à Língua (linguisticamente reduzida à análise gramatical com terminologia revista, mas pouco consensual, cf. *Dicionário Terminológico* e, antes dele, *Nova Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário*), a matéria estudada é, realmente, a literária. Verifica-se igualmente nos exames. Quando se pergunta a estudantes que realizaram o exame de Língua Portuguesa (seja de que ano for) “o que saiu”? As respostas são invariáveis um pouco de gramática e vários autores: Saramago, Padre António Vieira, Camões, Eça, Pessoa, etc. Também podem vir elencadas as obras: *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *Sermão aos Peixes*, *Os Lusíadas*, *Os Maias*, *Mensagem* e por aí fora. As respostas em nada variam, quando se considera especificamente o exame de Literatura Portuguesa (12.º ano).

Curiosamente, o cânone está definido e pouco mais se acrescenta. As antologias que, no pré e no pós-revolução de 74, marcaram claramente a íntima ligação entre a Literatura e o Estudo da Língua viram variar os autores e os textos a dar a conhecer às novas gerações. Por exemplo, o autor que importa aqui ter em conta, Augusto Gil, quando surge em antologias de Literatura/ Língua Portuguesa, aparece invariavelmente com a inesquecível “Balada da Neve”. É, sobretudo, a temática do sofrimento infantil que é abordada e quase nada mais se sabe deste escritor representativo da cidade da Guarda, também famosa, no passado, por D. Sancho I (e “muito me tarda o meu amigo na Guarda”) e, no presente, por Eduardo Lourenço, na sua figura de ensaísta ímpar. Para Augusto Gil, pouco sobra, embora se mantenha pela famosíssima “balada”. Há alguns anos, num seminário do Mestrado em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira, dedicado à musicalidade da Língua Portuguesa, um violonista eslavo da Orquestra Clássica da Madeira demonstrou que a Língua Portuguesa é extremamente musical (neste ponto, é habitual pensar-se, quase exclusivamente, no italiano), recorrendo, para o efeito, a esse famoso poema de Augusto Gil: “Balada da Neve”. A demonstração seguiu critérios musicais como ritmo, melodia, pausas, alongamentos, altura, rima, etc. Poderia ter sido outro poema? Poderia. Ao tentar compreender o que motivara o recurso à “balada” de Augusto Gil, a resposta

foi evasiva, sendo que ela era representativa da temática do seminário e, por isso, tinha sido escolhida entre milhares de outras possibilidades.

Não interessando, de momento, nem a temática, nem a musicalidade, mas a construção frásica, como ficou expresso acima, observa-se a frase em verso de Augusto Gil, incluindo, como não poderia deixar de ser, o inesquecível texto lírico que lembra as invernias da Guarda. Quer compreender-se se a poesia deste autor – muito esquecido a nível nacional, mas lembrado, como o deve ser, na terra beirã com que se ligou (e uma vez da Guarda, sempre da Guarda) – poderia servir para um estudo da frase, no sentido puramente linguístico, de jovens estudantes do Ensino Básico. Desde os programas do 1.º Ciclo (cf. Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, 2015) até ao Ensino Secundário, está previsto o contacto dos alunos com textos literários e a aprendizagem das estruturas frásicas. Pode a frase de Augusto Gil, em outros textos que não “Balada da Neve”, servir de modelo linguístico? Pode. Podem estudar-se os tipos de frase e os sinais de pontuação com a poesia deste escritor, formado em Direito? Pode e vai demonstrar-se isso mesmo.

2. A frase no verso de Augusto Gil: análise de uma amostra em *Luar de Janeiro*

Neste início de século, tem-se observado que a extensão das frases no discurso comum (publicações de documentação oficial do Estado, das Câmaras e de outras entidades públicas e privadas, incluindo comunicados, nomeadamente na imprensa, entre outros) se tem vindo a alongar. Ocupa, por vezes, tantas linhas que a frase assume o lugar reservado ao parágrafo. Aliás, ocupa-lhe, literalmente, o espaço e, por isso, seguindo aquilo que se vai designando como a “tradição anglo-saxónica” – contrariamente à clássica europeia – os parágrafos vão sendo separados com linhas em branco, um espaçamento maior. O próprio WORD assume, automaticamente, um espaçamento entre parágrafos. Muitas vezes, há quem junte as duas estratégias: avanço na primeira linha do parágrafo e uma linha em branco. Em sinal de explicação, ouve-se a desculpa de, assim, haver maior “clareza discursiva”. “Vê-se melhor”, dizem. Ver-se-á? Serão as frases uns meros tópicos? Por mais bizarro que seja, hoje, também se assiste ao processo inverso, isto é, à colocação de sinais de pontuação no fim de títulos e de tópicos, que, por não serem frases, não necessitam deles. Será, porventura, uma influência das novas tecnologias e do texto publicado na Internet? Tenderão a frase e o parágrafo a fundir-se? Poderá um tópico, inclusive de um esquema, transformar-se numa frase (podendo sê-lo, nem sempre o é)? É bem provável que ambas as tendências descritas (frases-parágrafos e tópicos-frases) se venham a acentuar.

No que se prende com a frase-parágrafo, talvez venha a acontecer, mais depressa do que se pode pensar porque já é admitida em alguns tipos de texto. Sucede, por exemplo, com o “lead” de qualquer notícia, que, grande parte das vezes, é um parágrafo constituído por apenas uma frase de dezenas de linhas impressas. Estas observações que qualquer estudioso/ falante atento pode, diariamente, atestar têm levado à reflexão sobre a extensão das frases nos diversos autores de Língua Portuguesa – gostaria de se produzir um largo estudo sobre o assunto – e tem havido interesse em tentar compreender se ela vai variando e, se isso sucede, em função de que critérios acontece. Também tem importado entender se um determinado autor, com um estilo próprio, se desvia (e quanto) daquilo que se considera ser a norma gramatical para a frase. Os compêndios gramaticais (por exemplo: Dias, 1889, Vázquez Cuesta e Luz, 1988, Cunha e Cintra, 1995, Vilela, 1995 e Mateus, 2003) não têm todos integralmente o mesmo ponto de vista sobre o assunto, mas há parâmetros comuns. Para este estudo, consideram-se úteis os mais variados autores, dos quais, por conseguinte, não se pode afastar o advogado e escritor egitanense em destaque. Aqui, decidiu-se analisar a frase de Augusto Gil apenas numa obra, ou melhor, numa parte de uma obra poética. Pretendeu-se obter uma amostra de uma versão original de um livro seu, mas, pelos condicionamentos pandémicos, foi inviável. A atenção recaiu, aleatoriamente, no emblemático livro *Luar de Janeiro*, com o “ebook” disponível em TXT (<http://www.gutenberg.org/files/17962/17962-8.txt> com) no “The Project Gutenberg EBook of *Luar de Janeiro*, by Augusto Gil”.

A fim de proceder a uma análise linguística como a que se poderia realizar no Ensino Básico, em aulas dedicadas ao estudo do tipo de frase (a Prosódia como é investigada no âmbito do AMPER – Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico também poderia ser uma abordagem interessante) ou da importância dos sinais de pontuação, opta-se por escolher uma amostra de *Luar de Janeiro*, no sentido de compreender se há alguma regularidade na frase em verso de Augusto Gil ou se ela varia tanto, que não é evidente reconhecê-la por ter um estilo frásico, em verso, muito cambiante. Para o efeito, entre as vinte composições listadas no índice final da publicação indicada, escolheu-se a poesia inicial do livro, “Luar de Janeiro” (que dá o título ao livro), duas do meio, “A máscara” e “In promptum pastoral”, e a do fim, “A parábola do pucaro d’agua”. Decidiu-se adicionar a estes quatro poemas, o texto mais famoso do livro que é, como se viu, “BALLADA DA NEVE”, seguindo a ortografia do original consultado. A questão da adaptação ortográfica dos textos, sobretudo os literários, no ensino, incluindo no Secundário inviabiliza que os estudantes tenham contacto com as várias fases da Língua Portuguesa e o procedimento não é muito proveitoso à reflexão linguística. Num curso de Educação Básica, um dia, numa aula de Português, destinada a futuros docentes, apresentou-se um excerto de um texto português seiscentista. Era uma crónica. Bizarramente, para os estudantes, que nun-

ca tinham visto um texto original escrito sem a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990 ou posterior a ele, o excerto era castelhano! Episódios como este levam a defender que se deve introduzir, progressivamente, sobretudo a partir do Secundário, versões originais de textos antigos do Português, nomeadamente literários, o que, tanto quanto se tem comprovado, apenas sucede com a Poesia Trovadoresca, talvez pelo Galaico-Português, que também não é muito explorado enquanto romance, ou seja, língua derivada do latim. Evitava-se, assim, uma singular “política” de dirigentes em diversas escolas, essencialmente de 1.º Ciclo, que, recentemente, tentaram apagar a memória da Língua, livrando-se das publicações das suas bibliotecas escolares por serem anteriores ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, por “já não terem utilidade”. Recorde-se que a primeira reforma ortográfica portuguesa data de 1911, sendo uma vontade do primeiro Governo Republicano, que deu aos filólogos (Cá está!) e académicos de antanho, como José Leite de Vasconcelos, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana ou Carolina Michaëlis, o privilégio de tomar decisões para a uniformização ortográfica da língua pátria que nunca existira e de que os textos de Augusto Gil que se exploram são sinal visível.

Metodologicamente, o procedimento é básico porque assim pretendido: 1) transcreve-se o texto poético segundo a versão em estudo; 2) alinham-se os versos por estrofes com a barra (/); 3) identificam-se as estrofes pela numeração romana; 4) assinalam-se os finais de frase com duas barras (//) e 5) numeram-se as frases por estrofe para se ter uma noção do número de frases por texto poético. Assim, pode analisar-se cada uma quanto ao tipo – pela indicação dos sinais de pontuação (cf. ponto 3, abaixo, para as definições do DT). Na escrita, estas marcas linguísticas dão conta das construções frásicas que os autores preferem e, aqui, há que olhar para as escolhas linguísticas de Augusto Gil, isto é, pelas suas preferências para compreender se podem servir de modelo linguístico a estudantes dos diversos níveis de escolaridade. O que pode ensinar Augusto Gil, no século XXI, quanto à construção frásica? As suas frases em verso serão suficientemente esclarecedoras para a aprendizagem dos tipos de frase e do recurso aos sinais de pontuação? Dizem que à de José Saramago (que, no entanto, serve de modelo linguístico em vários anos escolares), faltam vírgulas (pressupondo-se que não empregue os sinais de pontuação devidos, embora não se concorde integralmente com a afirmação que é reiteradamente ouvida). O que faltará a Augusto Gil? Usará ele pontuação a mais? O que terá ele a oferecer ao século XXI e aos vindouros? Para tentar obter respostas, analisa-se, uma a uma, as composições da amostra extraída de *Luar de Janeiro*, seguindo as breves linhas metodológicas delineadas.

ANÁLISE FRÁSICA DO POEMA INICIAL

A) LUAR DE JANEIRO

(I) Luar de janeiro,/ Fria claridade/

(II) Á luz delle foi talvez/ Que primeiro/ A bocca dum português/ Disse a palavra saudade...//1

(III) Luar de platina,/ Luar que alumia/ Mas que não aquece,/ Photographia/ D'alegre menina/ Que ha muitos annos já... envelhecesse...//1

(IV) Luar de janeiro,/ O gelo tornado/ Luminosidade.../ Rosa sem cheiro,/ Amor passado/ De que ficasse apenas a amizade...//1

(V) Luar das nevadas,/ Algido e lindo,/ Janellas fechadas,/ Fechadas as portas/ E elle fulgindo,/ Limpido e lindo,/ Como boquinhas de creanças mortas,/ Na morte geladas/ --E ainda sorrindo...//1

(VI) Luar de janeiro,/ Luzente candeia/ De quem não tem nada,/ --Nem o calor dum brazeiro,/ em pão duro para a ceia,/ Nem uma pobre morada...//1

(VII) Luar dos poetas e dos miseraveis,/ Como se um laço estreito nos unisse,/ São semelhantes/ O nosso mau destino e o que tens...//1

(VIII) De nós, da nossa dôr, a turba--ri-se/ --E a ti, sagrado ladram-te os cães!//1

O poema inicial “Luar de Janeiro”, próximo de “Balada da Neve” pela temática do frio, tem uma dedicatória como acontece com os restantes textos. Este é para Coelho de Carvalho – que se pressupõe ser Joaquim José Coelho de Carvalho (1852-1934), jurista e escritor – e aparece com a seguinte epígrafe “Tout court, porque não ha adjectivos que não empallideçam ante a claridade dos seus talentos.”, não deixando a personificação dos qualificativos de ser uma indicação gramatical e linguística interessante, para elogiar a figura do contemporâneo com quem Augusto Gil terá privado, sendo ambos escritores e especialistas em leis. A observação do poema para a sua análise em frases permite tirar algumas ilações sobre a construção frásica do poeta. É maior o número de versos (assinalados trinta e nove) do que o número de frases (7x1), cujo final também pode ser o do verso, como se pode verificar na transcrição (o fim de cada uma é marcado com // e ao findar de um verso corresponde /). O poema que dá o título ao livro, rentabilizando as potencialidades da anáfora com a repetição sistemática de “luar”, é constituído por oito estrofes – numeraram-se da (I) à (VIII) – com uma quantidade de versos variável, embora comece e termine com dísticos. Apenas a primeira estrofe não termina em frase, sucedendo aquilo a que se costuma designar por “enjambement” ou “encavalgamento”. Todas as restantes terminam numa, sendo no total sete, as frases, ou seja, menos uma do

que as estrofes. O autor vai recorrendo às reticências. É um recurso de pontuação que parece bastante frequente na escrita de Augusto Gil e tende a comprovar a epígrafe que se escolheu para este estudo e que foi extraída da obra em análise, remetendo para uma visão limitadora da linguagem verbal, a usada no texto poético. Este é permissivo e desviante, por natureza: “As palavras são palavras” e “Nada dizem” porque, metaforicamente, são “Teias d’aranha”, devendo reter e prender, mas não impedindo “Que as ideias se escapem e deslizem...” porque parecem não ser suficientes para dizer tudo o que é almejado. Com frequência, o poeta não consegue dizer a totalidade do que quer, embora domine a arte da palavra escolhida por entre milhares de possibilidades linguísticas, que é a Poesia. Ficando muito por dizer, as reticências deixam em aberto o que se poderia acrescentar, mas não se adiciona.

Nesta composição, as reticências ocorrem no meio do verso (cf. (III) “já...”), no fim do verso (dentro das frases como em (IV) “Luminosidade...”) e terminam a maioria das construções frásicas: (II), (IV), (V), (VI) e (VII). Este sinal de pontuação é usado sete vezes, aparecendo apenas um ponto e um ponto de exclamação, ambos a indicar o fim da frase. Aquele sinal é, comprovadamente, preferido a qualquer outro, apesar de o ponto de exclamação encerrar o texto poético e ganhar, por isso, alguma relevância. A vírgula é usada com regularidade e ocorre no interior da frase, parecendo, no entanto, faltar umas quantas, como a seguir a “claridade” (cf. I), após “Luzente candeia” (cf. VI) ou depois de “sagrado” (cf. VIII). As frases são bastante longas e, estruturalmente, por comportarem mais do que um predicado, são complexas. No entanto, as frases das estrofes (IV) e (VI) são simples. Na estrofe (V), a frase é elíptica porque não faculta o núcleo do predicado, embora possua vários participios passados e gerúndios. Lendo e relendo o texto, embora se tenha tomado uma decisão para a classificação das frases, ficam dúvidas de análise, sobretudo devido à pontuação (ou à falta dela), em: (III) “aquece,”, (V) “mortas,” e (VI) “não tem nada,”.

ANÁLISE FRÁSICA DO PRIMEIRO POEMA MEDIAL

B) A MÁSCARA

(I) Por acaso, parou na minha frente,/ De *_loup_* e *dóminó* de seda negra,/ Uma mulher d’olhar resplandecente/ E mento breve de figura grega.//1

(II) Tomei-lhe as mãos esguias entre as minhas.../1

(III) E os seus olhos doirados reluziram/ Como os punhaes ao sol, quando se tiram,/ Aguçados e frios, das bainhas.//1

(IV) --Máscara, quem és tu?//1

- (V) --E tu quem és?...//1
- (VI) --Um homem que te viu e te deseja...//1
- (VII) E um riso vago, de desdem talvez,/ Floriu na sua bocca de cereja...//1
- (VIII) Ergui-lhe as mãos asceticas...//1 Beije-as...//2
- (IX) Em vibrações entrecortadas, sêccas,/ Tiniam taças irisadas, cheias...//1 E uma phrase d'amôr, toda em colcheias,/ Vibrava nas arcadas das rebecas...//2
- (X) Levei-a para o vão duma janella...//1 --Máscara, quem és tu?// 2
- (XI) --Para que insistes?...//1
- (XII) Outro riso subiu da bocca della/ Aos olhos enigmaticos e tristes...//1
- (XIII) E descobriu a face...//1 No capuz/ Emoldurou-se um rosto lindo e sério...//2
- (XIV) Que diferente porém do que eu supuz!//1
- (XV) A gente nunca deve entrar com luz/ Nos divinos recantos do misterio...//1

“A máscara” é um poema com um diálogo interno entre o eu poético e uma mulher mascarada. É dedicado a Santos Tavares, cuja identidade, embora se tenha pesquisado, não se reconheça, mas que deverá ter sido um contemporâneo do poeta, supostamente, também escritor, como quase todos os restantes homenageados. Aliás, as dedicatórias (praticamente todas masculinas) são constantes ao longo do livro. O poema, que invoca um baile de mascarados, como no período carnavalesco, é constituído por quinze estrofes – numeradas da (I) à (XV) – com uma quantidade de versos variável, isto é, de um verso curto (constituindo a maioria uma frase por si só) a quatro versos (I). As estrofes com uma frase são onze e predominam sobre as que são constituídas por duas (num total de quatro), não se verificando mais nenhuma possibilidade além destas duas. Em fim de frase, regista-se o ponto: (I), (III), (VII), (VIII-1 e 2), (IX-1 e 2), (X-1), (XII) e (XIII-1 e 2); as reticências: (II), (V – combinadas com um ponto de interrogação antes delas), (VI), (XI – combinadas com um ponto de interrogação antes delas) e (XV); o ponto de interrogação: (IV), V – combinado com as reticências após o ponto de interrogação), (XI – combinado com as reticências após o ponto de interrogação) e o ponto de exclamação, apenas em (XIV). Contabilizam-se dezassete frases simples contra duas complexas, indiciando uma estrutura frásica fácil e acessível a qualquer analista, incluindo um estudante do Ensino Básico, a partir do 2.º Ciclo, mas mais propícia para o 3.º, por se tratar de uma temática muito abordada nesta etapa académica: a paixão com o deslumbramento e o engano.

ANÁLISE FRÁSICA DO SEGUNDO POEMA MEDIAL

C) IN PROMPTUM PASTORAL

(I) Sob este céu creador/ De manhã vergiliana,/ Apetece ser pastor/ E tocar frauta de cana;/

(II) Não, pastor d'autos d'amor,/ D'eclogas frias e velhas,/ Mas verdadeiro pastor/ De verdadeiras ovelhas...//1

(III) Não conhecer o talento/ Nem nada do que se ensina...//1 Esta dôr do entendimento/ É pior do que se imagina...//2

(IV) Guiar o meu coração/ Num ingenuo christianismo...//1 Esta civilização/ É cheia de pessimismo...//2

(V) Comer pão negro, pão duro,/ Beber o leite das peáras...//1 Pão de centeio é escuro,/ --Mas põe as almas ás claras...//2

(VI) Amar alguma pastora/ Com palavras e com obras...//1 Estas senhoras d'agora/ São mais falsas do que as cóbras...//2

(VII) E vêr crear com carinho,/ Com cuidados infinitos,/ Á companheira, um filhinho.../ E ás ovelhas, borreguitos...//1

A poesia, com o intitulado latino “In promptum pastoral”, é dedicada a Amadeu de Freitas, que se pressupõe ter estado, em determinada altura, à frente de *O Século*. Vem com a epígrafe «Muito vence quem se vence/ Muito diz quem não diz tudo [cf. a epígrafe do presente estudo e o uso recorrente das reticências nas frases em verso de Augusto Gil, para quem as palavras, mesmo as da Poesia, parecem não esgotar a mensagem a transmitir],/ Porque a um discreto pertence/ A tempo fazer-se mudo.» como sendo a “(Copla do Infante D. Luiz_)”. Constituído por sete quadras – de (I) a (VII) – é, quanto à temática, bastante singelo: o poeta deseja ser pastor de ovelhas, refere Vergílio [fazendo lembrar Alberto Caeiro]. Apresenta uma escolha de vida pelo Cristianismo e faz uma crítica social, sobretudo à mulher (“Estas senhoras d'agora”), bastante forte na comparação extremamente negativa com a “cobra”. Revela-se assaz crítico da mulher citadina sua contemporânea (cf. VI). Por isso, a este tipo de mulher, com quem convive, prefere “alguma pastora”. A temática é acessível ao aluno do Ensino Básico e assemelha a cria da ovelha ao bebé da pastora, havendo uma identificação plena do Homem com a Natureza, na vida simples, sem pensamento.

Trata-se de uma composição que mantém o mesmo número de versos por estrofe, mas isso não acontece com as frases porque, por exemplo, a estrofe inicial (finalizada com um ponto e vírgula) apenas constitui uma frase com a segunda (o “enjambement”, ou seja, o “encavalamento”), sendo bastante longa é uma frase complexa. Quanto às restantes

estrofes, salvo a última, que apenas tem uma frase, comportam duas frases. As reticências assumem um papel relevante em fim de frase: (II), (III-2), (IV-2), (V-2), (VI-2) e (VII). O outro sinal de pontuação empregue em fim de frase é o ponto (III-1), (IV-1), (V-1) e (VI-1). Curiosamente, ocorre nas estrofes em que a segunda frase termina com as recorrentes reticências: (III-2), (IV-2), (V-2) e (VI-2). Apesar das opções feitas, há algumas dúvidas, nomeadamente em (VII) por não haver nenhum verbo conjugado. A conjunção “E”, em início de estrofe, e logo seguida da perifrástica verbal infinitiva, parece retomar a ligação com o início da estrofe anterior “Amar”: amar e ver criar, mas ambas não formarão uma frase, tendo havido um ponto pelo meio (VI-1). Deduz-se que (VI-2), constituindo uma frase, é como um parêntesis, embora este sinal não esteja lá.

ANÁLISE FRÁSICA DO POEMA MAIS FAMOSO

D) BALLADA DA NEVE

(I) Batem leve, levemente/ Como quem chama por mim...//1 Será chuva?//2 Será gente?//3
Gente não é certamente/ E a chuva não bate assim...//4

(II) É talvez a ventania;/ Mas ha pouco, ha poucoquinho,/ Nem uma agulha bolia/ Na
quieta melancolia/ Dos pinheiros do caminho...// 1

(III) Quem bate assim levemente/ Com tão estranha leveza/ Que mal se ouve, mal se sente?...//1 Não é chuva, nem é gente,/ Nem é vento com certeza...//2

(IV) Fui ver...//1 A neve cahia/ Do azul cinzento do ceu/ Branca e leve, branca e fria...//2
--Ha quanto tempo a não via!//3 E que saudades, Deus meu!//4

(V) Olho-a atravez da vidraça...//1 Poz tudo da côr do linho...//2 Passa gente e quando passa/
Os passos imprime e traça/ Na brancura do caminho...//3

(VI) Fico olhando esses signaes/ Da pobre gente que avança/ E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturais/ Duns pézitos de creança...//1

(VII) E descalcinhos, doridos...//1 (?) A neve deixa inda vel-os/ (?) Primeiro bem defini-
dos,/ --Depois em sulcos compridos,/ Porque não podia erguel-os!...//2

(VIII) Que quem já é peccador/ Soffra tormentos, emfim!//1 Mas as creanças, Senhor,
Porque lhes daes tanta dôr?!...//2 Porque padecem assim?!...//3

(IX) E uma infinita tristeza/ Uma funda turbação/ Entra em mim, fica em mim prêsa...//1
Cae neve na natureza...//2 (?) --E cae no meu coração...//3

A “Ballada da Neve” inclui uma epígrafe de Verlaine “Il pleure dans mon coeur/ Comme il pleut sur la ville.” (a chuva do poeta francês é como a neve egitaniense porque ambas

se reencontram nos corações dos autores) e uma de dedicatória a Vicente Arnosso (cf. “O Obituário de Vicente Arnosso (1881-1925)” por Norberto Araújo (1889-1952) in *Diário de Lisboa*, n.º 1282, de 16-06-1925). Assinaladas de (I) a (IX), as nove quintilhas que compõem a “balada” comportam várias frases como se pode verificar com o símbolo // e a numeração sequencial por estrofe, marcando a barra oblíqua singela (/), como é habitual, o fim do verso transcrito em linha. Este apenas regista a musicalidade com o ritmo e a rima, enquanto a frase faculta a unidade mínima discursiva, inclusive do texto poético. É para estas e os sinais de pontuação finalizadores que importa olhar. Predominam as três frases por estrofe – (V), (VIII) e (IX). A primeira estrofe e a quarta têm mais frases: quatro. Com duas frases, há duas – (III) e (VII) – e outras duas com uma frase: (II) e (VI). Pode dizer-se que, nesta composição poética, o fim de estrofe corresponde sempre ao fim de uma frase. Apesar desta análise frásica parecer simples, é possível dizer-se que não é linear porque nem sempre é evidente o fim da frase. Acreditando que a pontuação desta versão é a original do autor, deixam dúvidas as sequências que se assinalaram com (?). Poderiam ser fins de frase? São fins de frase? Toma-se uma decisão, mas permanece a dúvida. Faltam sinais de pontuação? Isso pode constituir uma gralha, e nada mais do que isso. A opção para a delimitação da frase, nestes casos, pode ser revista em qualquer momento e o sinal que exige mais atenção é o das reticências, já que pode ocorrer em fim de frase, mas também no interior desta, além de poder assinalar frases elípticas, aquelas em que faltam quase todos os elementos e são, sobretudo, reticentes, por não dizerem tudo.

ANÁLISE FRÁSICA DO POEMA FINAL

E) A PARÁBOLA DO PUCARO D’AGUA

(I) Buscava em algum assunto adrede/ A versos que inculcassem novidade,/ Quando uma intensa e irreprimível sede/ Me fez voltar do sonho á realidade.//1

(II) E pedi água (já se vê) que veio/ Consoante é d’uzo cá por entre o povo/ Num pucaro de barro ingenuo e feio,/ Servindo-lhe de salva um prato côvo.//1

(III)Bebi o líquido dum trago só;/ E dito o «Deus te pague» habitual,/ Subi de novo a escada de Jacob/ No heroico intuito de escalar o ideal...//1

(IV) Mas o idealismo é como a nevoa ondeante/ Que os rios erguem pela madrugada;/ O olhar destingue-a, quando está distante,/ E da que nos rodeia--não vê nada...//1

(V) De que serve afinal tentar a gente/ Reter, dentro das mãos, fumo de palha,/ Se aqui, aos nossos olhos, no existente,/ Ha tanta coisa que os atráia e valha?...//1

(VI) A água vinda neste vaso frágil/ Que um ignorado artista modelou/ Num gesto--já mecanizado e agil--/Á força d’imitar o que encontrou,/

(VII) É um assunto cheio de beleza,/ Cheio de claro e alto ensinamento.//1 Assim na branda fala portuguesa/ O dêsse eu, como o tenho em pensamento!...// 2

(VIII) A agua é como a esp'rança/ Que a tudo se sujeita...//1 Onde quer que se deita/ Lá fica humildemente acomodada,/ Seja a concha da mão duma creança,/ Ou a taça lendaria da ballada...//2

(IX) Tanto sacia/ Num vaso tyrrêno dos da antiga Roma/ (Que um só valia/ O rútilo oiro d'avaros banqueiro)/

Como a que se toma/ Na argilla porosa,/ Alegre trabalho dum simples oleiro...//1

(X) E é/ Até/ Bem mais saborosa/ No barro suarento/ Deixado á janella,/ Que num opulento/ Copo lavrado/ Que seja pertença de rica baixella/ E sonho gentil, cinzel phantasia/ Dalgum grande artista/ Dos raros d'agora, ou do tempo afastado...//1

(XI) Bichos humanos, fêras em pé,/ Sêde bondosos como a agua o é...//1

(XII) No luzente alcantil da magnitude,/ Ou no áspero declive da pobreza,/ Nunca cerreis o espirito á virtude,/ Nunca fecheis os olhos á belleza.//1 Que todo o coração,/ Desde o sabio de genio ao cavador,/ Seja o Calix de paz e de perdão/ Contendo a agua limpida e lustral/ Dum irmanado e perpetuo amôr...//2

(XIII) Agua que limpe a mácula do mal/ E mitigue a miseria, a ancia, a magua/ Desta cruenta e impiedosa guerra/ Em que tantas creaturas se consomem.//1

(XIV) Nem só da agua/ Que vem da terra/ Tem sêde o homem...//1

(XV) Nasce uma fonte/ Rumurejante/ Na encosta dum monte;/

(XVI) E mal que do seio/ Da terra brotou,/ Logo o seu veio/ Transparente/ E diligente/ Buscou e achou/ Mais baixo logar...//1

(XVII) E sempre descendo,/ E sempre a cantar,/ Vae andando,/ Galgando,/ Vencendo,/ (Ou tenta vencer...)/ Folha, raíz, areia, o que tolher/ A sua descida...//1

(XVIII) Ao brotar da dura frágoa/ --É uma lagrima d'agua...//1

(XIX) Mas esse humilde fiozinho,/ Que um destino bom impelle,/ Encontra pelo caminho/ Um outro que é como elle...//1

(XX) Reunem-se, fundem-se os dois,/ Proseguem de companhia,/ E fica dupla depois/ A força que os leva e guia...//1

(XXI) Junta-se aos dois um terceiro,/ Outros confluindo vão,/ E o regato é já ribeiro/ E o ribeiro é rio então...//1

(XXII) E nada agora o domina/ Ao fiozinho da fonte.//1 Entre collina e collina,/ Ou entre um monte e outro monte,/

(XXIII) Caminha sem descançar,/ Circula atravez do mundo/ --Até á beira do mar/ Omnipotente e profundo...//1

(XXIV) Da altura em que estejaes (ou vos pareça;/ A vaidade é uma amante enganadora)
(?)/ Que o mais alto de vós se humilhe e desça/ Como se humilde e pobre sempre fôra...//1

(XXV) E que os demais desçam também de todo/ O orgulho e mando sobre escravas gen-
tes/ Até ao valle, de lagrimas e lôdo/ Onde a miseria brada e range os dentes./1

(XXVI) E como as águas que se vão juntando/ E juntas, e cantando, vão descendo,/ Reuni
o choro derramado, quando/ Atravessardes esse valle horrendo.//1

(XXVII) E o atoleiro que se havia feito/ No val, dantesco, pútrido, sombrio,/ Mudar-se-ha
no irrigante leito/ Dum fertilizador e claro rio;/

(XXVIII) E o rio, andando, andando, hade alargar/ --Com biliões de lagrimas vertidas--/
Num infinito e luminoso mar/ De novas e amplas e cantantes vidas!//1

O poema “A parábola do púcaro d’água”, dedicado a Manuel Penteadado, cuja identificação não é fácil de encontrar, inicia com uma citação do historiador francês Michelet, extraída de “O Povo” (facultada em versão portuguesa), que, como este título indica, sobrevaloriza a camada popular, no que à arte diz respeito, contrariamente ao que “Acreditaram os românticos”, visto que “o viver do povo encerra em si uma poesia sagrada.”, “na pequenez e na humildade”, lembrando-o as “sombras de Rembrandt”. Evocar Michelet para tratar de uma questão de “púcaro de água”, numa poesia, dá que pensar. A temática do texto lírico, extremamente longo, com vinte e oito estrofes, sendo o mais extenso dos cinco aqui transcritos, é singela e subdivide-se: a poesia, a religião, a sede, a água e a pobreza. A reflexão linguística reaparece em “Assim na branda fala portuguesa/ O dêsse eu, como o tenho em pensamento!...”, como, voltando de novo à epígrafe deste estudo, se a linguagem verbal não fosse suficientemente capaz de dar conta do que o poeta pensa e sente. A sintaxe de Augusto Gil, neste poema, é diversa da das quatro composições já analisadas. Constitui um caso à parte por ter frases bem mais longas do que nas anteriores poesias. Nesta composição, nem todo o fim de estrofe corresponde a uma frase (cf. (VI), (XV), (XXII) e (XXVII)) porque formam frase com os versos da estrofe seguinte, num “enjambement”, embora não seja o modelo estruturante que predomine porque, em quase todas as estrofes, se assinala uma frase: fim de frase e fim de estrofe. Algumas (pouquinhãs) possuem duas frases: (VII), (VIII) e (XII). A pontuação a indicar a fronteira frásica inclui o ponto e as reticências, estando estas, no entanto, em maioria. Ocorre, igualmente, o ponto de exclamação, mas, numa ocorrência, vem logo seguido de reticências (VII) e é relevante verificar que este sinal finaliza a última frase do poema que se quer exclamativo. No texto, há apenas um ponto de interrogação, apesar de este também vir seguido de reticências (V).

3. O *Dicionário Terminológico* e a frase em verso na poesia de Augusto Gil

Face à análise das construções frásicas das cinco composições poéticas da amostra, pode Augusto Gil, a sua poesia (estes poemas e outros), constituir exemplo, um modelo ímpar, para que se perceba, hoje, o uso dos sinais de pontuação e a estruturação das frases? Sim, indubitavelmente, o poeta Augusto Gil pode servir de modelo linguístico para esses assuntos de Sintaxe e outras matérias do âmbito da Linguística. O verso deste autor não esquece a frase e usa os sinais de pontuação para indicar, internamente, os elementos constitutivos de cada uma, assim como o final frásico. Há gralhas e lapsos; há, mas que escritor não os tem? A sua existência, em vez de ser apagada constitui matéria para a reflexão. Na amostra, na maior parte dos casos, o fim da estrofe é o fim da frase, mas também se registam frases no interior da estrofe, sendo elas bem mais curtas do que esta, e frases que englobam duas estrofes. Por isso, poderia empregar-se a sintaxe de Augusto Gil para explicar a diferença entre “verso”, “frase” e “estrofe”. A distinção permite clarificar que a “frase” e o “verso” não são o mesmo, embora os limites de ambos possam coincidir como se nota no poema “A Máscara”, por exemplo: “(IV) --Máscara, quem és tu?//1”, “(V) --E tu quem és?...//1” e “(VI) --Um homem que te viu e te deseja...//1”. Além disso, também a estrofe e a frase não são coincidentes, como sucede com os “enjambements”, mesmo podendo ter os mesmos limites (*vide* o sinal // em fim de estrofe). O autor seria um modelo para interligar o estudo literário do poema, do verso, com o estudo linguístico da frase e dos sinais de pontuação.

Frequentemente, a linguagem verbal dos escritores serve de modelo linguístico (a título exemplificativo, veja-se a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra), mas podem não o ser por múltiplas razões, sobretudo por usos desviantes da construção frásica ou dos sinais de pontuação, incluindo gralhas comuns na escrita. Por conseguinte, os exemplos têm de ser criteriosamente escolhidos para, pedagogicamente, poderem cumprir a sua missão ou, então, partir deles para a reflexão. Por exemplo, na seguinte sequência de versos de Augusto Gil encontrados na obra em apreço: “Desde os começos do outono/ Que eu a trago no sentido,/ Não como, não tenho sono,/ Tudo me dá ralação?/ Quer-me para seu marido?/ --Diga que sim ou que não...”, a primeira interrogativa não parece fazer sentido. A colocação do ponto de interrogação resultará de uma gralha (Influenciada pela interrogativa seguinte?) que não se pode facultar como exemplo a quem está a aprender o valor linguístico deste sinal; salvo se se usar a gralha para desenvolver o pensamento, problematizando o assunto. Assim, pela negativa, e para demonstrar que está ali um lapso, usa-se aquele verso porque a interrogativa não faz sentido. O eu poético coloca-se uma pergunta a ele próprio sobre aquilo que ele sente, sabendo, de antemão, o que sente? Isso, linguisticamente, não funciona, uma vez que o propósito da interrogativa é obter uma resposta a algo que se desconhece, a não ser que seja uma pergunta retórica, normalmente destinada

a terceiros. Aliás, nos versos ulteriores, a pergunta, com possível resposta afirmativa ou negativa, serve perfeitamente o propósito da explicação da frase de tipo interrogativo.

Recorrendo ao *Dicionário Terminológico* (cf. <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>), no ponto da “Linguística Descritiva, B4-Sintaxe” para abordar “B.4.3. Tipos de frase”, interligando com o ponto “E. Representação gráfica”, definida como “Formas convencionadas de representação escrita da linguagem verbal.” Em particular o subponto “E.2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita”, poder-se-ia usar o verso de Augusto Gil para ilustrar os conteúdos identificados. Em qualquer um dos cinco poemas facultados de Augusto Gil há frases declarativas, extremamente abundantes, como é comum no discurso quotidiano, e de outros tipos em menor número (embora as reticências sejam recorrentes). Aliás, desde o 1.º ano do 1.º Ciclo ao 12.º ano, poderia pedir-se, como exercício muito fácil, para identificar, nos versos, todas as frases que terminam com ponto final, incluindo outros sinais, e ter-se-ia um *corpus* diferenciado e muito interessante para a abordagem dos tipos de frase e dos sinais de pontuação. A frase em verso deste poeta serviria perfeitamente para complementar a exemplificação dos vários tipos de construção frásica e o uso dos sinais de pontuação do DT, revelando o quanto esta matéria que parece acessível e fácil é rica de complexidade. Para uma síntese demonstrativa, procede-se a um apanhado dos conteúdos do DT a propósito das matérias em estudo e relacionam-se os conteúdos com a poesia de Augusto Gil da amostra aqui facultada.

3.1. Frase declarativa e ponto

Para o “(Tipo de) frase declarativa”, cuja definição é, por um lado, simplista, como se pode comprovar, já que se define pela negativa (sendo o que as outras não são): “Frase em que é feita uma asserção e que se pode caracterizar pela ausência dos traços específicos dos outros tipos de frase (ver frases interrogativas, exclamativas e imperativas).” Curiosamente, por outro lado, o DT cria uma dúvida, complicando, desnecessariamente. Afirma que as **frases declarativas podem ser marcadas (com ênfase)**: “As declarativas classificam-se também segundo a ordem dos seus constituintes, sendo (i) uma **declarativa não marcada** e (ii) uma **declarativa marcada**. A alteração de ordem é, frequentemente, utilizada em contextos discursivos específicos, como a ênfase num determinado constituinte.” E apresenta os seguintes exemplos: “(i) O João comeu o bolo./ (ii) O bolo, o João comeu(-o).” Pergunta-se: Não serão as construções com alteração da ordem dos elementos (normalmente S – sujeito – V – predicado – O – complemento) mais frases exclamativas do que declarativas? Assim o parecem! Se se comparar, quer esta definição da frase declarativa com a da frase exclamativa, quer a do ponto com a do ponto de exclamação, comprova-se isso mesmo. Para facilitar a compreensão, mantendo o que é geral, dir-se-á que a frase declarativa se

associa ao ponto (sinal que tem outras valências, como nas abreviaturas), cuja definição do DT é a seguinte: “**Ponto (final)** Sinal de pontuação utilizado em contextos como o fim de um período (i) ou o fim de uma abreviatura (ii).”, com os exemplos: “i) a. Vivo em Lisboa./ b. Quero dormir./ (ii) Sr. Dr.”. Este sinal de pontuação é o predominante nas frases declarativas e no uso habitual dos falantes. Isso também se verifica na poesia de Augusto Gil que, por essa razão, é essencialmente assertiva.

Além dos tipos de frase, associados aos sinais de pontuação, no DT também figura o tópico da “articulação”, ou seja, da estrutura simples ou complexa, que se poderia abordar com a poesia de Augusto Gil: “B. Linguística Descritiva, B.4. Sintaxe, B.4.4. Articulação entre constituintes e entre frases”. Assim, para as “**Frase simples**”: “Frase em que existe um único verbo principal ou copulativo./ Frases simples: (i) O João foi a casa./ (ii) O João está doente./ (iii) O João pode ficar em casa./ (iv) O João vai ficar doente.” – quase fazendo crer que todas as frases simples são declarativas. Para “**Frase complexa**”: “Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo. As frases complexas são frases que contêm mais do que uma oração.” e “Frases complexas: (i) O João disse que vai ao cinema./ (ii) O João quer ir ao cinema. [Merecia reflexão? a sequência "quer ir": um predicado ou dois?]/ (iii) O João fica feliz, se for ao cinema./ (iv) Chegando a casa, falo contigo./ (v) O João caiu e a Maria tropeçou.” Para explicar a aprendizes de diversos níveis de ensino o que são e como se usam a frase declarativa e o ponto (incluindo o final), poderiam explorar-se os exemplos apresentados, fazendo variar a extensão da frase, curta ou extremamente longa, indo da estrutura simples à complexa (o que não é o mesmo: uma frase simples pode ser longa e uma frase complexa curta). Complementar-se-iam os exemplos do DT com os extraídos da poesia de Augusto Gil (cf. Tabela 1) e desenvolver-se-ia reflexão linguística. O número de frases declarativas terminadas com ponto é elevado porque predominante no todo da amostra, nem percentagens são necessárias porque a observação empírica é suficiente e o comprova.

Tabela 1: Exemplos de frase declarativa na poesia de Augusto Gil

Tipo declarativo – assertiva com ponto
- Frases simples declarativas
B) (VIII-1) Ergui-lhe as mãos asceticas.//1
B) (VIII-2) Beijei-as.//2
B) (XII) Outro riso subiu da bocca della/ Aos olhos enigmaticos e tristes.//1
B) (XIII-1) E descobriu a face.//1
B) (XIII-2) No capuz/ Emoldurou-se um rosto lindo e sério.//2
C) (IV) Guiar o meu coração/ Num ingenuo christianismo.//1
C) (VI) Amar alguma pastora/ Com palavras e com obras.//1
D) (IV) Fui ver.//1
D) (V-1) Olho-a atravez da vidraça.//1
D) (V-2) Poz tudo da côr do linho.//2
- Frases complexas declarativas
A) (III) Luar de platina,/ Luar que alumia/ Mas que não aquece,/ Photographia/ D’alegre menina/ Que ha muitos annos já... envelhecesse.//1
C) (III) Não conhecer o talento/ Nem nada do que se ensina.//1
C) (V) Comer pão negro, pão duro,/ Beber o leite das peáras.//1
E) (I) Buscava em algum assunto adrede/ A versos que inculcassem novidade,/ Quando uma intensa e irreprimivel sede/ Me fez voltar do sonho á realidade.//1
E) (II) E pedi agua (já se vê) que veio/ Consoante é d’uzo cá por entre o povo/ Num pucaro de barro ingenuo e feio,/ Servindo-lhe de salva um prato côvo.//1

3.2. Frase exclamativa e ponto de exclamação

No DT, para o “(Tipo de) frase exclamativa” está escrito: “Frase que corresponde à expressão de uma avaliação do falante face a determinado contexto. As exclamativas caracterizam-se por processos sintácticos, como a inversão do sujeito (i), e/ou por marcas prosódicas, como o acento de intensidade a destacar um determinado constituinte (ii).” Cá está: as frases declarativas marcadas serão frases exclamativas! O DT avança, ainda, que “As frases exclamativas podem ser classificadas em função do escopo da exclamação. Assim, quando a exclamação recai sobre toda a frase, a exclamativa é total (iii); se a exclamação recai sobre um dos constituintes da frase, por exemplo, o grupo nominal sujeito (iv) ou o grupo verbal (v), a exclamativa é parcial.” Aos exemplos apresentados, poderiam adicionar-se alguns de Augusto Gil: “(i) Que fascinante é essa história!/ (ii) Essa história é HORRÍVEL!/ (iii) O bebé comeu a sopa!/ (iv) Que delícia é esta sopa!/ (v) Como comes-

te!”. O DT é pouco esclarecedor e deveria motivar alguma discussão linguística teórica, mas esse não é o seu propósito, visto que é apresentado como referência para os aprendizes compreenderem as matérias e as poderem usar devidamente, quando necessário, especialmente ao longo da vida enquanto cidadãos. As representações gráficas do ponto e do ponto de exclamação não deixam dúvidas sobre a diferença. Para o DT, o “**Ponto de exclamação**”: é um “Sinal de pontuação utilizado em contextos como o final de frase exclamativa (i), depois de interjeição (ii), o final de frase imperativa (iii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iv).” Exemplos: “(i) Como estás bela!/ (ii) – Oh! – disse admirada./ (iii) Cale-se!/ (iv) Ah, és tu?!”. O número de frases simples e complexas exclamativas na amostra são em bem menor número do que as declarativas terminadas com ponto. Podendo, por isso, listar-se todas as que terminam com ponto de exclamação. No total, são quatro (cf. Tabela2), como se comprovará, voltando a reler as poesias da amostra. As que combinam este sinal com outro não se pode dizer que sejam exclusivamente exclamativas e têm de ser analisadas uma a uma. Serão mais do que apenas frases exclamativas, já que se lhes associa o valor de outro sinal. É, pelo menos, o que se deduz da combinação de sinais de pontuação desejada pelo autor e que se referem mais abaixo.

Tabela 2: Exemplos de frase exclamativa na poesia de Augusto Gil

Tipo exclamativo – ponto de exclamação
A) (VIII) De nós, da nossa dôr, a turba--ri-se/ --E a ti, sagrado [,] ladram-te os cães!//1
B) (XIV) Que diferente porém do que eu supuz!//1
D) (VIII-1) Que quem já é peccador/ Soffra tormentos, emfim!//1
E) (XXVII) E o atoleiro que se havia feito/ No val, dantesco, pútrido, sombrio,/ Mudar-se-ha no irrigante leito/ Dum fertilizador e claro rio;/
E) (XXVIII) E o rio, andando, andando, hade alargar/ --Com biliões de lagrimas vertidas--/ Num infinito e luminoso mar/ De novas e amplas e cantantes vidas!//1

3.3. Frase interrogativa e ponto de interrogação

Quanto ao “(Tipo de) frase interrogativa”, a definição continua a ser simplista, por um lado, e complicada, por outro: “Frase que corresponde à formulação de uma pergunta, tendo funções pragmáticas distintas como um pedido de informação (i) ou de acção (ii).” Acrescenta que: “As **interrogativas directas** (iii) podem ser [frases simples][315 Frase simples, enquanto as **interrogativas indirectas** (iv) são subordinadas substantivas completivas. [Oração subordinada substantiva completiva]”. Esquecem-se de dizer que, nestas circunstâncias, terminam com ponto e transformam-se em declarativas, embora com o sentido da pergunta. Apenas quando se coloca realmente uma questão se usa o ponto de interro-

gação e a melodia, a prosódia, é divergente da declarativa. Acrescenta, esta ferramenta do Ministério da Educação, que “As frases interrogativas podem ser classificadas segundo o tipo de resposta que se espera obter. Assim, são **interrogativas totais** as que são passíveis de obter uma resposta afirmativa ou negativa (v); e são **interrogativas parciais** as frases em que a interrogação recai sobre um dos constituintes, conforme (vi) e (vii).” Indica, igualmente: “As interrogativas parciais caracterizam-se pela presença de um elemento interrogativo, o qual pode não se encontrar em posição inicial (viii)”. Para ilustrar, os exemplos que o DT faculta poderiam/ deveriam ser enriquecidos, podendo sê-lo com Augusto Gil (cf. Tabela 3): “(i) Que horas são?/ (ii) Fechas a janela?/ (iii) Comeste a sopa?/ (iv) O João perguntou [se comeste a sopa]./ (v) - O João viu a Maria ontem?/ - Sim / Não./ (vi) Quem é que o João viu ontem?/ (vii) Quando é que o João viu a Maria?/ (viii) O João viu quem?”. Para completar, quanto aos sinais, surge o “**Ponto de interrogação**”: “Sinal de pontuação utilizado em contextos como o final de frase interrogativa (i), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (ii).” Exemplos: “(i) Em que pensas?/ (ii) Quem bateu?...” No que se refere à combinação de sinais, veja-se mais abaixo esse tópico. Para as interrogativas que se constroem com verbos como “perguntar”, “indagar” ou “questionar” deveriam vir associadas ao ponto e às frases declarativas. Este pormenor faz toda a diferença e explica por que razão muitos estudantes não entendem a diferença entre a diversa tipologia das frases interrogativas. Realmente, elas não colocam uma questão, mas declaram que alguém coloca uma questão. Faz toda a diferença. Na poesia em análise, as frases de tipo interrogativo reconhecem-se perfeitamente. Não são em grande número e terminam com o ponto de interrogação como se pode observar na tabela 3. Portanto, não é uma poesia interrogativa, que questione o mundo ou a existência.

Tabela 3: Exemplos de frase interrogativa na poesia de Augusto Gil

Tipo interrogativo – ponto de interrogação
B) (IV) --Máscara, quem és tu?//1
B) (X-2) --Máscara, quem és tu?// 2
D) (I-2) Será chuva?//2
D) (I-3) Será gente?//3

3.4. Outros tipos frásicos e sinais de pontuação

Por fim, no DT, surge “(Tipo de) **frase imperativa**”: “Frase que corresponde à expressão de uma ordem ou pedido do falante e tem o verbo no modo imperativo (i), conjuntivo (ii), indicativo (iii) ou em formas do gerúndio (iv) ou infinitivo (v).” Há um pormenor gramatical que é substancial: “Um frase imperativa só pode ser enunciada na forma activa (vi), sendo impossível a formulação de uma

imperativa passiva (vii).” E os exemplos são simples: “(i) Fecha a porta!/ (ii) Fechem a porta!/ (iii) Calou!/ (iv) Andando!/ (v) Sentar!/ (vi) Come a sopa!/ (vii) *É comida a sopa!”.

Na amostra da poesia, não se atesta este tipo e, por isso, não se lhe dá relevo. Como não terminam frases, também não importa considerar os sinais definidos no DT como os “**Dois pontos**: Sinal de pontuação utilizado em contextos como a introdução de uma enumeração (i) ou a introdução de um discurso directo (ii).” Exemplos: “(i) Comprou os seguintes livros: gramática, dicionário e selecta./ (ii) O António encontrou os pais e disse: - Passei no exame.”; o “**Ponto e vírgula**: “Sinal de pontuação utilizado em contextos como a separação de itens de uma enumeração (i) ou entre frases ligadas por advérbios conectivos dentro do mesmo período (ii).” (sem acesso aos exemplos porque não são facultados); a “**Vírgula**: Sinal de pontuação utilizado em vários contextos, como por exemplo a intercalação de orações subordinadas adverbiais numa frase (i), a intercalação de um modificador entre um verbo e o seu complemento (ii) ou após um advérbio conectivo em início de período (iii).” Exemplos: “(i) Os rapazes, quando chegaram a casa, fartaram-se de comer./ (ii) Os rapazes falaram, com muito maus modos, à avó./ (iii) Os rapazes estão cansados. Porém, continuam a correr.” e o “**Travessão**: Sinal de pontuação utilizado em contextos como o início de um enunciado em discurso directo (i) ou a intercalação de uma palavra ou frase (ii).” Exemplos: “(i) O Pedro respondeu:/ – Nunca mais te quero ver./ (ii) Julgo – e retomou a palavra – que estamos no bom caminho.” Na amostra em análise, vem representado com “– ...-” Este conjunto de sinais é usado no interior das frases.

Pelo contrário, importa, e muito, olhar para o único deste conjunto de **sinais internos** (nunca empregues em fim de frase porque este limite é uma fronteira com o exterior da frase que terá **sinais externos**) que pode ocorrer no interior e no fim da frase. Trata-se das “**Reticências**: Sinal de pontuação utilizado em contextos como a interrupção de uma frase (i) ou uma suspensão devida a hesitação, surpresa, reflexão ou dúvida (ii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iii).” Exemplos: “(i) – Tu disseste que... – dizia o Pedro, quando a Maria entrou na sala./ (ii) Eu queria dizer mais coisas.../ (iii) Vais?...” Este é, porventura, o tópico mais aliciante para abordar a poesia de Augusto Gil que parece deleitar-se com o emprego das reticências e exemplo paradigmático disso mesmo é o poema C cujas segundas frases das estrofes finalizam com elas. O poeta combina-as, muitas vezes, com outros sinais de pontuação, havendo até três sinais, em fim de frase. Vai designar-se como “tipo reticente”, já que, na maioria das vezes, são para indicar que algo ficou por dizer.

Depois das frases de tipo declarativo, a tipologia que predomina na amostra em estudo da poesia de Augusto Gil é a do tipo que se designou reticente (cf. Tabela 4). Encontra-se em bem maior número do que as frases exclamativas (cinco – todas listadas na tabela 2) e as interrogativas (quatro – recolhidas na tabela 3). Logo, esta simples observação permite

concluir que esta poesia é essencialmente declarativa, sendo assertiva, e, depois, tem um cariz reticente, repleto de subentendidos, hesitações, etc. expressos no que fica por dizer com o uso das reticências no final das frases (cf. Tabela 4 – onde se expõem todas). Há uma clara opção do poeta pelas reticências.

Tabela 4: Exemplos de frase reticente na poesia de Augusto Gil

Tipo reticente – reticências
A) (VI) Luar de janeiro,/ Luzente candeia/ De quem não tem nada,/ --Nem o calor dum brazeiro,/ em pão duro para a ceia,/ Nem uma pobre morada...//1
(VII) Luar dos poetas e dos miseráveis,/ Como se um laço estreito nos unisse,/ São semelhantes/ O nosso mau destino e o que tens...//1
B) (II) Tomei-lhe as mãos esguias entre as minhas...//1
B) (VI) --Um homem que te viu e te deseja...//1
B) (XV) A gente nunca deve entrar com luz/ Nos divinos recantos do misterio...//1
C) (I) Sob este céu creador/ De manhã vergiliana,/ Apetece ser pastor/ E tocar fruta de cana;/
C) (II) Não, pastor d'autos d'amor,/ D'eclogas frias e velhas,/ Mas verdadeiro pastor/ De verdadeiras ovelhas...//1
C) (III) Esta dôr do entendimento/ É peor do que se imagina...//2
C) (IV) Esta civilização/ É cheia de pessimismo...//2
C) (V) Pão de centeio é escuro,/ --Mas põe as almas ás claras...//2
C) (VI) Estas senhoras d'agora/ São mais falsas do que as cóbras...//2
C) (VII) E vêr crear com carinho,/ Com cuidados infinitos,/ Á companheira, um filhinho.../ E ás ovelhas, borreguitos...//1
D) (I) Batem leve, levemente/ Como quem chama por mim...//1 (...) Gente não é certamente/ E a chuva não bate assim...//4
D) (II) É talvez a ventania;/ Mas ha pouco, ha pouquinho,/ Nem uma agulha bolia/ Na quieta melancolia/ Dos pinheiros do caminho...// 1
D) (IV) A neve cahia/ Do azul cinzento do ceu/ Branca e leve, branca e fria...//2
D) (V) Passa gente e quando passa/ Os passos imprime e traça/ Na brancura do caminho...//3
D) (VI) Fico olhando esses signaes/ Da pobre gente que avança/ E noto, por entre os mais,/ Os traços miniaturais/ Duns pézitos de creança...//1
D) (VII) E descalcinhos, doridos...//1 (?)

- E) (III) Bebi o liquido dum trago só;/ E dito o «Deus te pague» habitual;/ Subi de novo a escada de Jacob/ No heroico intuito de escalar o ideal...//1
- E) (IV) Mas o idealismo é como a nevoa ondeante/ Que os rios erguem pela madrugada;/ O olhar distingue-a, quando está distante;/ E da que nos rodeia--não vê nada...//1
- E) (V) De que serve afinal tentar a gente/ Reter, dentro das mãos, fumo de palha;/ Se aqui, aos nossos olhos, no existente;/ Ha tanta coisa que os atraía e valha?...//1
- E) (VII) 1 Assim na branda fala portuguesa/ O dêsse eu, como o tenho em pensamento!...// 2
- E) (VIII) A agua é como a esp'rança/ Que a tudo se sujeita...//1 Onde quer que se deita/ Lá fica humildemente acomodada;/ Seja a concha da mão duma creança;/ Ou a taça lendaria da ballada...//2
- E) (IX) Tanto sacia/ Num vaso tyrrêno dos da antiga Roma/ (Que um só valia/ O rútilo oiro d'avaros banqueiro)/ Como a que se toma/ Na argilla porosa;/ Alegre trabalho dum simples oleiro...//1
- E) (X) E é/ Até/ Bem mais saborosa/ No barro suarento/ Deixado á janella;/ Que num opulento/ Copo lavrado/ Que seja pertença de rica baixella/ E sonho gentil, cinzel phantasia/ Dalgum grande artista/ Dos raros d'agora, ou do tempo afastado...//1
- E) (XI) Bichos humanos, fêras em pé;/ Sêde bondosos como a agua o é...//1
- E) (XII) Que todo o coração;/ Desde o sabio de genio ao cavador;/ Seja o Calix de paz e de perdão/ Contendo a agua limpida e lustral/ Dum irmanado e perpetuo amôr...//2
- E) (XIV) Nem só da agua/ Que vem da terra/ Tem sêde o homem...//1
- E) (XV) Nasce uma fonte/ Rumurejante/ Na encosta dum monte;/
- E) (XVI) E mal que do seio/ Da terra brotou;/ Logo o seu veio/ Transparente/ E diligente/ Buscou e achou/ Mais baixo logar...//1
- E) (XVII) E sempre descendo;/ E sempre a cantar;/ Vae andando;/ Galgando;/ Vencendo;/ (Ou tenta vencer...)/ Folha, raíz, areia, o que tolher/ A sua descida...//1
- E) (XVIII) Ao brotar da dura frágua/ --É uma lagrima d'agua...//1
- E) (XIX) Mas esse humilde fiozinho;/ Que um destino bom impelle;/ Encontra pelo caminho/ Um outro que é como elle...//1
- E) (XX) Reunem-se, fundem-se os dois;/ Proseguem de companhia;/ E fica dupla depois/ A força que os leva e guia...//1
- E) (XXI) Junta-se aos dois um terceiro;/ Outros confluindo vão;/ E o regato é já ribeiro/ E o ribeiro é rio então...//1
- E) (XXII) E nada agora o domina/ Ao fiozinho da fonte...//1 Entre collina e collina;/ Ou entre um monte e outro monte;/
- E) (XXIII) Caminha sem descançar;/ Circula aavez do mundo/ --Até á beira do mar/ Omnipotente e profundo...//1
- E) (XXIV) Da altura em que estejaes (ou vos pareça;/ A vaidade é uma amante enganadora) (?)/ Que o mais alto de vós se humilhe e desça/ Como se humilde e pobre sempre fôra...//1

3.5. Frases de vários tipos e vários sinais

O DT não explica a que tipo de frase se refere um escritor, quando usa, em fim de frase, mais do que um sinal. Aliás, os sinais combinados que aparecem no DT são “?!” e cada um destes com as reticências. Este último sinal, como se disse, vai indicar a abertura de uma frase (DT: interrupção, suspensão, hesitação) que não está concluída (fechada).

A ideia de empregar mais do que um sinal de pontuação em simultâneo é desviante porque, em princípio, cada sinal tem um valor específico e, à partida, exclui o valor dos outros sinais. Portanto, num nível de língua cuidado ou no nível científico, em que a linguagem é sóbria e neutra, combinar sinais de pontuação não parece funcionar. Contudo, essa possibilidade cada vez mais frequente na escrita enfática do quotidiano, nomeadamente dos meios digitais, tem o seu lugar no texto literário, incluindo na Poesia de Augusto Gil, que chega a associar vários sinais: dois ou três. Assim, de modo desviante, há escritores que combinam sinais de pontuação. Nestes combinados, seria importante pensar no tipo de frase que o falante representa para que a mensagem seja entendida pelo interlocutor. Quando o sinal de pontuação predominante é o das reticências e este é acompanhado de outro, por exemplo, um ponto de interrogação, qual deles assume maior valor? Pela análise dos exemplos da amostra, conclui-se que neste combinados de sinais, o primeiro sinal de pontuação vai indicar o tipo de frase predominante e aquele com que se deveria classificar a frase, mas, logicamente, a esta, deveriam adicionar-se os outros valores. Teria de ser assim porque os restantes sinais acrescentam valores à frase, ultrapassando o tipo predominante, uma vez que a frase assume outras características. Assim, a sequência “?...” corresponde a uma **interrogativa aberta ou reticente** (com reticências: estas evidenciam que nem tudo foi expresso), contrariamente à **interrogativa fechada** (apenas com o ponto de interrogação). O mesmo acontece com a **exclamativa acompanhada de reticências (exclamativa aberta ou reticente/ exclamativa fechada com apenas o ponto de exclamação)**. Alargando esta classificação, se aparecerem estes três sinais: “?!...” é porque há aí uma **interrogativa enfática (exclamativa) aberta ou reticente**, já que o sinal de interrogação vem seguido de ponto de exclamação e de reticências. Por conseguinte, considerando o número de sinais combinados, elencam-se as seguintes possibilidades extraídas da amostra.

Tabela 5: Exemplos de frases de tipos combinados na poesia de Augusto Gil

Tipos combinados – sequência de vários sinais
- 2 sinais
B) (V) --E tu quem és?...//1
B) (XI) --Para que insistes?...//1
D) (III-1) Quem bate assim levemente/ Com tão estranha leveza/ Que mal se ouve, mal se sente?...//1
D) (VII-2) Primeiro bem definidos,/ --Depois em sulcos compridos,/ Porque não podia erguel-os!...//2
E) (V) De que serve afinal tentar a gente/ Reter, dentro das mãos, fumo de palha,/ Se aqui, aos nossos olhos, no existente,/ Ha tanta coisa que os atráia e valha?...//1
E) (VII) Assim na branda fala portuguesa/ O dêsse eu, como o tenho em pensamento!...// 2
- 3 sinais
D) (VIII-2) Mas as creanças, Senhor,/ Porque lhes daes tanta dôr?!...//2
D) (VIII-3) Porque padecem assim?!...//3

4. Breve síntese

Em suma, de tudo o que ficou aqui exposto, a quem ensina e a quem aprende, ou seja, todos, porque a aprendizagem se faz ao longo da vida, pode recomendar-se a poesia de Augusto Gil para explicar os tipos de frase e o valor dos sinais de pontuação, nomeadamente o das reticências. Seria interessante usar mais poemas do advogado-poeta para demonstrar que este é o sinal de pontuação por ele privilegiado. Poder-se-ia desenvolver uma reflexão linguística sobre o que representam as reticências, normalmente não recomendadas no discurso técnico-científico ou na escrita de um aprendiz. Também se poderia propor a problematização linguística do uso reiterado de um recurso de pontuação como as reticências. Sendo bastante frequente na escrita de Augusto Gil, quer no interior da frase como no fim desta, pertencendo ao conjunto dos sinais internos e dos externos, acredita-se que este sinal corrobora a visão que o poeta tem da linguagem verbal: parece não chegar para expressar tudo o que quer. Deixa claro que o que se disse não é suficiente, ficando, quase sempre, algo mais por dizer, o que se situa entre as linhas. As reticências são um recurso sinalético pouco esclarecedor porque lida com os subentendidos, mas revela-se extremamente interessante no âmbito da poesia de Augusto Gil.

Comprova-se que o DT fica muito aquém dos usos dos sinais de pontuação exteriores (que terminam frases). Também não explica todas as potencialidades destes por apenas aludir à possibilidade de combinar sinais: um recurso do discurso desviante ou literário, como o é a poesia em estudo. Conclui-se que a exploração da frase em verso de Augusto Gil é uma

oportunidade para explorar as potencialidades da Linguística. Poderia confrontar-se esta poesia com, por exemplo, a gramática oitocentista de Epifânio da Silva Dias (1889), para referir uma coeva do poeta, mas o exercício seria válido para as do século XX ou XXI.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Norberto [1889-1952] (1925), “O Obituário de Vicente Arnoso (1881-1925)” in *Diário de Lisboa*, n.º 1282, de 16-06-1925) www.norbertoaraujo.org.)
- BARBOSA, Jorge Morais (2009), “O Ensino do Português”, *Conferência Internacional sobre o Ensino do Português. 7-9 de Maio de 2007, Actas*, Lisboa, Ministério da Educação, pp. 183-186.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1995), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DIAS, Epifânio da Silva (1889). *Gramática Portuguesa Elementar*, Lisboa, A. Ferreira Machado & C.ª Editores.
- Dicionário Terminológico* - <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>, última consulta no dia 01-09-2020.
- GIL, Augusto, *Luar de Janeiro*, Edição da empresa d'A Lanterna, Lisboa, 1909, reproduzido em <http://www.gutenberg.org/files/17962/17962-8.txt> (última consulta no dia 03-08-2020), The Project Gutenberg EBook of Luar de Janeiro, by Augusto Gil, eBook or online at www.gutenberg.org
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, 6.ª edição, Lisboa, Editorial Caminho.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2010). “Uma Política de Língua para o Português”, *Palavras*, Associação de Professores de Português, n.º 37, pp. 49-54.
- Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação *Aprendizagens Essenciais para o Ensino Básico* www.dge.mc.pt, última consulta a 29-09-2020.
- Nova Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário e Dicionário Terminológico, *Diário da República*, I Série B, n.º 300 – de 24/12/2004, pp. 7307-7315 (Portaria n.º 1488/2004, TLEBS).
- Programas de Português do Ensino Básico (actualizados a 14-08-2013), <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&cpid=11>
- REBELO, Helena (2010). “O Discurso Poético e o Discurso Religioso: Acerca de Alguns Poemas de Maria Aurora Carvalho Homem”, *Leituras e Afectos. Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*, Thierry Proença dos Santos (org.), Vila Nova de Gaia, Exodus, pp. 189-201.
- REBELO, Helena (2011). “As Opções Linguísticas de António Aragão em *Um Buraco na Boca*”, *Revista Margem 2*, n.º 28, Nelson Veríssimo (coord.), Funchal, Câmara Municipal do Funchal, pp. 65-80, Depósito Legal 92490/95. Disponibilizado por solicitação do coordenador da revista *Cibertextualidades*, Torres, Rui (org.), Porto, Universidade Fernando Pessoa: conteúdos da revista *Margem 2*, número 28, homenageando António Aragão, no Arquivo Digital da PO.EX. <http://www.po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/helena-rebelo-as-opcoes-linguisticas-de-antonio-aragao-em-um-buraco-na-boca>
- REBELO, Helena (2013). “O Futuro do Ensino da Gramática Portuguesa: Um Percurso por Três Manuais Escolares”, Funchal, CIE-UMa e Universidade da Madeira. pp. 248-263.
- REBELO, Helena e AGUÍN-POMBO, Dora (2015). “Syntax and Biology. Teaching experience with the laboratory notebook”, *Hands-on Science. Brightening our Future*, Costa, Manuel Filipe P. C. Martins e Dorrio, José Benito Vázquez (Eds.), Braga, Hands-on Science Network, pp. 131-137.
- REBELO, Helena (2015). “A Sintaxe de António Aragão em *Um Buraco na Boca*. Análise de uma Amostra”, revista *Cibertextualidades 7*, convocando “Estudos sobre António Aragão”, Torres, Rui (org.), Porto, Universidade Fernando Pessoa, pp. 95-108, ISSN: 1646-4435. <http://cibertextualidades.ufp.edu.pt/numero-7-2015/estudos-sobre-antonio-aragao-conteudos>

- REBELO, Helena (2016). “L’Écriture du Parler de Madère: quelques représentations littéraires”, in Jacob, Daniel/Gadet, Françoise/Lodge, Anthony (éd.) : *Actes du XXVIIe Congrès international de Linguistique et de Philologie Romanes* (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 9 : Rapports entre langue écrite et langue parlée. Nancy, ATILF, pp. 157-173, <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-9.html>
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e LUZ, Maria Albertina Mendes da (1988). *Gramática da Língua Portuguesa*, trad. de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, Lisboa, Edições 70.
- VILELA, Mário (1995). *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase e Gramática do Texto*, Coimbra, Almedina.

